

INDÚSTRIA DE CELULOSE E PAPEL FECHA ANO DE GARGALOS INICIAIS DA PANDEMIA E TRABALHA CONTINUAMENTE PARA ATENDER AOS CENÁRIOS PREVISTOS DE FORMA COMPETITIVA

Porta-vozes fazem balanço de 2020, avaliam como o setor reagiu aos impactos mais imediatos da crise sanitária de dimensão global e descrevem como se mobiliza para lidar com os desafios e aproveitar as oportunidades do mercado atual e futuro

POR CAROLINE MARTIN
Especial para *O Papel*

Ciente de que enfrentaria os mais variados impactos ao sistema de saúde, com o surgimento de um vírus letal, o Brasil também sabia que os reflexos econômicos da pandemia do coronavírus teriam uma enorme amplitude. Passado um ano do início da situação que se instalou no mundo todo, já é possível mensurar alguns deles.

De acordo com a análise feita na edição de dezembro do Informe Conjuntural, produzido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), o País ainda estava se recuperando da crise que o aplacou entre 2014 e 2016, quando a necessidade de isolamento social para conter o avanço da Covid-19 paralisou o setor produtivo em meados de abril último – momento em que serviços, comércio e indústria experimentaram redução brusca da demanda e restrições em sua capacidade de operar.

A partir de maio último, as dinâmicas passaram a se diversificar: enquanto o segmento de serviços seguia como o mais afetado,

sendo o primeiro a ser impactado e o último a reabrir no processo de flexibilização das medidas de distanciamento social; comércio e indústria, de modo geral, iniciaram a recuperação e retornaram rapidamente ao nível pré-pandemia – o comércio varejista voltou ao patamar do volume de vendas antes da crise, em junho, e a indústria de transformação, em setembro.

Apesar de ambos apresentarem recuperação, tanto no comércio como na indústria, os avanços têm sido variados, com setores já atuando acima do nível pré-pandemia, mas com outros ainda abaixo desse nível.

Mudanças no padrão de consumo estão por trás das diferenças no ritmo de recuperação, conforme aponta o Informe Conjuntural da CNI. Enquanto a demanda por bens de consumo não duráveis foi pouco afetada, a procura por bens de consumo duráveis e por serviços ofertados às famílias apresentou uma queda expressiva.

O auxílio emergencial e a permissão do saque emergencial do FGTS também tiveram influência nesse con-

texto: os valores ajudaram a recompor parte das perdas de renda da população com a pandemia, fazendo com que algumas famílias mais vulneráveis até observassem aumento da renda e ampliassem o consumo, sobretudo de bens de consumo não duráveis, como alimentos, material de limpeza e produtos de higiene pessoal.

A desorganização das cadeias produtivas e o consequente aumento dos preços despontou como outro efeito da crise instalada. Ainda de acordo com as informações levantadas pela CNI, os setores que compõem a economia nacional foram atingidos com intensidades diferentes, o que não nos impediu de vermos interrupções parciais ou totais em alguns elos das cadeias.

Em paralelo a este cenário visto pela indústria, a recuperação da demanda foi mais rápida que o esperado. A flexibilização das medidas de distanciamento social teve início, na metade de maio, na maior parte do Brasil. Além disso, as medidas de proteção às empresas e famílias, implementadas pelo Governo Federal e o Congresso Nacional mostraram-se eficazes. Resultado: o setor produtivo não conseguiu responder de forma homogênea, provocando restrições nos elos das cadeias produtivas. A indústria está com dificuldade de obter insumos e/ou matérias-primas e, conseqüentemente, com dificuldade de atender a seus clientes.

À falta de insumos, somou-se o aumento nos preços, também estimulado pela desvalorização do real e da demanda crescente da China. A desvalorização da moeda brasileira encareceu não só os insumos importados como os produzidos nacionalmente, mas cujos preços são atrelados ao mercado internacional.

Como resultado de todos esses efeitos, o Informe Conjuntural da CNI sinaliza uma produção industrial crescente, mas não o suficiente para atender à demanda, e com um expressivo crescimento dos preços, sobretudo o de insumos, matérias-primas e alimentos. O Índice de Custo com Bens Intermediários (componente do Indicador de Custos Industriais, da CNI) encerrou o terceiro trimestre de

2020 com alta de 15,5%, na comparação com o mesmo trimestre de 2019.

O fato é que a recuperação deu seus passos iniciais no terceiro e quarto trimestres de 2020, conforme detalha o relatório produzido pela CNI, mas o crescimento econômico do período não foi suficiente para salvar o ano dos registros negativos. Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informam que o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro registrou queda de 4,1% em 2020, na comparação com 2019, apresentando-se como maior recuo anual da série iniciada em 1996. O PIB industrial de 2020 teve um recuo de 3,5% em relação ao de 2019.

Ainda na análise feita pela CNI, as incertezas seguem elevadas e extrapolam suas conseqüências para este ano, com tendência de reversão somente a partir da imunização da maior parcela da população – contexto que reforça a necessidade de manter os cuidados direcionados à saúde pública e a economia. A expectativa para 2021 é de crescimento de 4,9% do PIB e de 4,4% do PIB industrial. Parte significativa do crescimento explica-se pela base de comparação, o chamado carregamento estatístico. Como a recuperação (em especial na indústria) foi rápida, o ano passado

se encerrou com um volume de produção acima da média de 2020. Desse modo, mesmo se a economia parar de crescer a partir de janeiro de 2021, o PIB do ano seria cerca de 3% maior, na comparação com 2020, conforme detalhamento do relatório produzido pela entidade.

Um olhar específico sobre o desempenho da indústria de celulose e papel

Fazendo um retrospecto específico sobre a reação da indústria de base florestal nos meses iniciais da pandemia, o Embaixador José Carlos da Fonseca Jr., diretor executivo da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), ressalta que o setor soube ler com antecedência o tamanho da crise que o coronavírus poderia trazer, devido à sua atuação global, e por isso, tomou uma série de medidas, de modo a proteger colaboradores e poder continuar operando com segurança.

De imediato, colaboradores acima de 60 anos e aqueles cuja função permitem trabalho remoto foram mantidos em casa. Para evitar aglomerações, foi aumentado um turno. Demarcação de espaçamento em refeitórios, assim como em transportes coletivos, higienização reforçada, tanto dentro das unidades fa-



Fonseca Jr.: "Setor soube ler com antecedência o tamanho da crise que o coronavírus poderia trazer, devido à sua atuação global, e, por isso, tomou uma série de medidas, de modo a proteger colaboradores e poder continuar operando com segurança"



“O setor de celulose passou por dois períodos distintos em 2020: o primeiro foi marcado por uma contínua queda de preços, atrelada à redução da demanda global e aos altos estoques, enquanto o segundo vem sendo marcado por otimismo, com redução dos estoques e aumento dos preços”, contextualiza Neves

bris quanto em veículos e maquinários, disponibilização de álcool em gel, máscaras cirúrgicas e aferição de temperatura foram outras medidas adotadas pelas empresas do setor.

“Todo o esforço foi empregado para que o setor de árvores cultivadas pudesse manter o compromisso social que possui”, enfatiza Fonseca Jr., sublinhando que o setor possui zona de influência em cerca de 1 mil cidades brasileiras. “Manter empregos e renda de seus colaboradores é fundamental para que as economias locais, em sua maioria em cidades distantes dos grandes centros, continuem funcionando. Além disso, os bioprodutos da indústria de base florestal estão se mostrando ainda mais fundamentais neste período pandêmico”, justifica. “Para que as pessoas pudessem permanecer em isolamento social, as embalagens de papel foram vitais, uma vez que delivery e e-commerce tiveram aumento nos seus números de pedidos; papéis para higiene, como lenços e papel higiênico, também se tornaram itens indispensáveis para a sociedade. Além disso, o papel é a base para receituários e bulas de remédios. Máscaras cirúrgicas, toucas e aventais hospitalares também têm participação da indústria, lembrando que a celulose, base

destes produtos, também não parou, o que foi fundamental”, completa.

Na visão de Fonseca Jr., a agilidade com que o setor agiu e se organizou para lidar com a pandemia, de modo a cuidar de seus colaboradores e comunidades vizinhas, foi um diferencial. “O início da pandemia exigiu rapidez para demonstrar ao governo que a atividade desta indústria é essencial. Pará-la poderia causar um dano na cadeia logística do País. Por meio da IBÁ, o setor mobilizou-se e manteve diálogo com o governo, que prontamente o identificou como uma das atividades essenciais, demonstrando a relevância dos produtos de base florestal. Sem dúvidas, essa sintonia do setor foi um fator decisivo para que a agroindústria pudesse continuar produzindo com segurança”, faz o balanço da mobilização conjunta.

De acordo com os dados apresentados na edição mais recente do Boletim Cenários IBÁ, a produção brasileira de celulose chegou a 20,9 milhões de toneladas em 2020, avanço de 6,4% em relação a 2019 e segundo maior volume histórico de produção dentro de um ano. As exportações da commodity atingiram 15,6 milhões de toneladas em 2020, avanço de 6,1% em relação ao ano anterior.

Manoel Neves, gerente de Estudos Econômicos da Pöyry, avalia que a pandemia impactou toda a economia global, incluindo a brasileira. Apesar de os reflexos negativos levarem a uma queda média do PIB de 4%, a indústria de celulose e papel apresentou um crescimento acelerado. “O setor de celulose passou por dois períodos distintos em 2020: o primeiro foi marcado por uma contínua queda de preços, vinda desde 2019, atrelada à redução da demanda global e aos altos estoques, enquanto o segundo vem sendo marcado por otimismo, com redução dos estoques e aumento dos preços”, contextualiza. “Sempre é bom salientar a posição competitiva da celulose brasileira no contexto global. A desvalorização cambial contribuiu ainda mais para essa competitividade ao longo de 2020. Outro fator importante nessa recuperação que temos visto nos últimos meses é que não entraram novas capacidades significativas no mercado nos últimos dois a três anos”, adiciona Neves.

Também analisando o cenário que deflagrou um longo período de queda do preço de celulose, Marcio Funchal, fundador da Marcio Funchal Consultoria, recorda que 2019 foi um ano negativo em termos mercadológicos, dado o evidente excesso de produção mundial – estoque que foi alocado nas fábricas e nos terminais portuários mundo a fora e pressionou os preços internacionais para baixo. “Além disso, temos uma retração econômica mundial gradual e crescente nos últimos anos nas principais economias da Europa e nos Estados Unidos, em razão do aumento do desequilíbrio fiscal de países desenvolvidos. Até mesmo a China já vinha apresentando sinais de desaceleração da demanda, impactando diversos países exportadores de commodities. No caso da celulose branca, o setor industrial brasileiro não foi severamente afetado no período, embora os desafios tenham sido muito grandes”, faz o detalhamento.

Trazendo a celulose de eucalipto para o mercado de papéis especiais e sanitários, Funchal aponta que tais segmentos têm sido altamente competitivos nos

últimos anos. “Houve forte expansão industrial (novas plantas e expansão das já existentes) sustentadas por um aumento do consumo desses tipos de produto no mercado doméstico. Além disso, este tipo de indústria se interliga com outros setores industriais, como químico e hospitalar, que juntos vêm apresentando uma boa performance nos últimos semestres. A pandemia criou uma forte demanda para tais segmentos, impulsionando ainda mais o seu bom desempenho. O que se nota é que esta demanda deverá se manter no curto prazo, enquanto perdurarem os efeitos de cautela com higienização.”

A atual recuperação do preço da celulose é apoiada por uma série de fatores, segundo explicação de Thiago Lofiego, analista sênior responsável pelos setores de Papel e Celulose e Siderurgia e Mineração do Bradesco BBI: os fundamentos do mercado de celulose continuam a melhorar, apoiados por recuperação da demanda na Europa; forte demanda contínua na China e na América do Norte; forte aumento no preço de papel globalmente, com papel gráfico subindo cerca de 30% a 40% desde meados de 2020 na China; restrições de capacidade, com paralisações prolongadas para manutenção

de plantas de celulose de fibra longa, enquanto os mercados de celulose solúvel e celulose fluff mais fortes estão levando produtores *swing* a sair do mercado de celulose para papel.

Direcionando o olhar à celulose de fibra longa, Funchal pontua que há uma especialização evidente no mercado interno, no qual as principais empresas são verticalizadas, ou seja, também produzem o produto final (papel e/ou embalagens de papel e/ou produtos de papel). “Este segmento opera em conjunto com o ritmo e cadência da indústria como um todo, principalmente a indústria da transformação. A crise da Covid-19 afetou fortemente a indústria nacional, o que prejudicou muito a indústria de celulose marrom. Os resultados do 4.º trimestre de 2020 das principais empresas estão começando a ser publicados e demonstram o cenário adverso do ano passado. Contudo, como há uma gradativa retomada dos níveis de produção industrial no Brasil, o nível de demanda deste segmento tem se recuperado sistematicamente”, informa o fundador da Marcio Funchal Consultoria.

A indústria papeleira também enfrentou um ano bastante desafiador, apesar

de ter conseguido driblar os principais obstáculos de forma exemplar. “O setor de papel como um todo precisou adaptar a sua produção aos novos padrões de demanda, em um prazo muito curto. Muitas vezes, também enfrentou problemas com o suprimento de matérias-primas – em alguns casos, teve de adiar suas entregas. Mas, de forma geral, toda essa adaptação foi um sucesso”, avalia Neves, gerente de Estudos Econômicos da Pöyry.

O segmento de papéis tissue destaca-se entre os exemplos de setores que tiveram de atender a um rápido e expressivo crescimento de demanda. “Aquele susto do início da pandemia levou os consumidores a procurarem por produtos tissue em um volume maior do que o habitual, o que impactou fortemente as vendas, principalmente de papel higiênico”, lembra Pedro Vilas Boas, diretor da Anguti Estatística. “Quando esse primeiro impacto se dissipou e o consumo de papel higiênico voltou a se normalizar, passamos a ver outro comportamento: um incremento no consumo das toalhas multiuso (cozinha), com as pessoas passando mais tempo dentro de casa e atentando às questões de higiene”, completa sobre o contexto que caracterizou o restante do ano de 2020.

Embora tenha acompanhado a forte demanda por papéis sanitários e outros produtos de higiene relacionados às residências, os fabricantes de papel tissue viram uma retração do mercado institucional, devido ao fechamento de escritórios, shoppings, restaurantes, bares e hotéis. “A toalha de mão atua como carro-chefe desse mercado e sofreu grandes impactos no começo da pandemia, apesar do aumento de seu consumo na área de saúde. O mercado doméstico, contudo, acabou compensando essa redução do institucional, fazendo com que o balanço ainda fosse positivo para o setor”, avalia Vilas Boas.

Dados do último Boletim Cenários IBÁ informam que a produção de papéis tissue totalizou 1,3 milhão de toneladas em 2020, valor que representa um aumento de produção de 1,4%. Os preços

ARQUIVO PESSOAL



A atual recuperação do preço da celulose é apoiada por uma série de fatores, segundo explicação de Lofiego: “a recuperação da demanda na Europa e a forte demanda contínua na China e na América do Norte estão entre eles”

baixos da celulose, que seguem o mercado internacional e balizam o interno, também contribuíram com o desempenho positivo do segmento tissue. “Esse tipo de matéria-prima despontou como primeira opção dos fabricantes, frente às aparas brancas, resultando em uma condição de trabalho mais confortável do que a enfrentada por outros segmentos, como o de embalagem”, pontua o diretor da Anguti Estatística.

Já a retração experimentada pelo segmento de imprimir e escrever em 2020 não foi uma surpresa, considerando que a demanda por esses produtos apresentavam um patamar mais estagnado antes da pandemia de coronavírus. De qualquer forma, a Covid-19 teve um efeito direto no consumo de papel branco na maioria dos países da América Latina, com queda no consumo, devido ao fechamento de escritórios e escolas e ao avanço da digitalização e do desenvolvimento de novas formas de trabalhar no contexto da pandemia.

Conforme aponta Funchal, os papéis de imprimir e escrever têm apresentado declínio ano a ano, seguindo uma tendência mundial. “A digitalização dos processos empresariais já tem reduzido sistematicamente o uso do papel. Neste último ano, o chamado ‘mundo on-line’ foi fortalecido com as práticas de isolamento social e trabalho e estudo remotos. Até a impressão de livros e revistas foi bastante afetada em 2020, até mesmo pela ‘obsolescência’ do ato de leitura de impressos”, descreve o cenário prévio e recente.

“O câmbio ajudou muito nas exportações dos segmentos de papéis, principalmente em áreas como os papéis de I&E, cujas vendas externas atenuaram a crise vivida no mercado doméstico”, contextualiza Neves sobre um fator positivo.

O levantamento apresentado pelo último Boletim Cenários IBÁ aponta que a produção de papéis de imprimir e escrever, de janeiro a dezembro de 2020, totalizou 2,0 milhões de toneladas, valor que representa uma retração de 16,8%, em comparação ao mesmo período de 2019. Com 1,1 milhão de toneladas, as vendas



DIVULGAÇÃO SUZANO

O segmento de papéis tissue destaca-se entre os exemplos de setores que tiveram de atender a um rápido e expressivo crescimento de demanda

domésticas de 2020 apresentaram um recuo de 19,5% em relação ao ano anterior. A queda das exportações foi a menos expressiva: as 856 mil toneladas exportadas em 2020 refletiram uma redução de 12,5% em comparação a 2019.

Ainda dentro do contexto da indústria papelreira, o segmento de embalagens desponta como um que viveu transformações significativas em 2020. “O isolamento social, como forma de prevenção e de frear a disseminação da Covid-19, fez grande

parte dos brasileiros mudar seus hábitos de consumo, aderindo ainda mais à internet. Esse fato impulsionou o mercado de embalagens de papel e papelão ondulado no ano passado”, comenta Gabriella Michelucci, presidente da Empapel.

O comércio eletrônico no Brasil teve um crescimento significativo durante a pandemia. “Antes de março de 2020, o setor representava pouco mais de 5% das vendas totais do varejo. Já em 2020, subiu para 12,6% em maio e teve recorde



DIVULGAÇÃO EMPAPPEL

Gabriella revela que a Empapel iniciou em 2020 treinamento junto aos associados para que o e-commerce tenha status de uma nova categoria

em novembro, com 14,4%”, informa Gabriella, a partir dos dados da Compre e Confie, compilados pela EBIT/Nielsen. A estimativa é que o *e-commerce* feche o ano com 10% das vendas totais do varejo.

Ainda de acordo com a contextualização da presidente da Empapel, a entrega de produtos por esse canal de vendas pode requerer uma segunda embalagem: a primeira, do fabricante de embalagens para indústria, e a segunda, por meio do *e-commerce*, direto para a casa do consumidor. “A entrega de alimentação também disparou, por conta dos restaurantes fechados e o aumento das refeições sendo transportadas direto para a casa dos consumidores e demandando mais embalagens de papel”, pontua ela, revelando que a Empapel iniciou em 2020 treinamento junto aos associados para que o *e-commerce* tenha status de uma nova categoria.

Também é válido destacar que, a partir do segundo semestre de 2020, setores de bens duráveis e semiduráveis, incluindo vestuário, eletroeletrônicos, mobiliário,

cerâmicas, computadores, ferramentas elétricas, iluminação e ventilação, tiveram crescimentos de até dois dígitos, na comparação com o ano de 2019.

Fazendo um balanço dos resultados apresentados pelo segmento, Gabriella considera que 2020 foi um ano positivo em comparação a 2019. “Embora o contexto fosse negativo, o ano apresentou bons resultados. O primeiro trimestre de 2020 acumulou crescimento de 7,5% em relação ao mesmo período de 2019. No entanto, o segundo trimestre registrou recuo de 3,2% nas vendas, com acentuada queda de 12,5% em maio. A retomada do crescimento iniciou em meados de junho, com retorno rápido da indústria de bens semiduráveis e duráveis e todos os setores passando a demandar mais embalagens de papelão ondulado. Desde julho, o setor registra recordes mensais. Em dezembro de 2020, conforme averiguação da Empapel, a expedição de caixas, acessórios e chapas de papelão ondulado teve aumento de 11,2%, em relação ao mesmo período em 2019, com um novo registro

de recorde mensal. De janeiro a dezembro de 2020, o crescimento foi de 5,5%, em comparação a 2019”, elenca os dados.

Complementando a análise sobre o segmento, Rafael Barisauskas, economista da América Latina da Fastmarkets RISI, diz que, do ponto de vista da demanda, 2020 foi surpreendentemente positivo, quando comparado às expectativas traçadas no primeiro trimestre. “O setor mostrava-se receoso e preocupado com a demanda por embalagens frente às incertezas que a pandemia traria em 2020. A expedição recorde de quase 3,9 milhões de toneladas de caixas de papel ondulado e outros produtos corrugados mostra que a resiliência do segmento de bens essenciais não duráveis (alimentos, bebidas, medicamentos, itens de higiene e limpeza etc.) surpreendeu a todos, sustentando a demanda em um ano bastante desafiador”, esclarece.

Conforme o balanço feito por Barisauskas, mais do que nunca, fez-se necessário entender as dinâmicas de oferta, demanda e fluxos de comer-



O câmbio ajudou muito nas exportações dos segmentos de papéis, principalmente em áreas como os papéis de I&E, cujas vendas externas atenuaram a crise vivida no mercado doméstico

cialização, frente a tantas incertezas no mercado. “A compreensão equivocada desses fatores e de seus riscos levou participantes a tomarem ações descoordenadas e que causaram desequilíbrios temporários no mercado”, comenta, com base nas dificuldades relatadas por executivos deste mercado.

Do lado da procura, o esperado era uma redução na busca por embalagens durante a pandemia, frente às quedas esperadas para produção industrial e renda da população, ambas decorrentes do aumento no desemprego e na paralisação de negócios. Porém, o que se viu foi o oposto, como descreve Barisauskas. “A procura por embalagens subiu, por conta da resiliência do segmento de bens essenciais não duráveis, cuja demanda manteve-se firme. Houve maior procura por este tipo de produto após a aprovação do auxílio emergencial, devido ao aumento real (ainda que temporário) na renda de quase 40 milhões de brasileiros beneficiados pelo programa. Também houve incremento na demanda por embalagens para compras de produtos não essenciais vendidos on-line, atendendo à parcela



DIVULGAÇÃO EMPAPEL

A expectativa segue positiva para o mercado de embalagem de papelão ondulado: desde junho de 2020, o setor registra recordes mensais e deve seguir assim em 2021

da população que passou a trabalhar em casa desde o ano passado. Por fim, houve aumento na busca por embalagens para exportação de bens brasileiros, sobretudo alimentos e carnes, favorecidas pela forte depreciação cambial no ano passado”, detalha os fatores que se somaram ao aquecimento do *e-commerce*.

Já sob a ótica da oferta, houve um ajuste negativo nos estoques por parte de compradores, corrugadores e produtores nos primeiros meses da pandemia, motivado pelas incertezas acerca da demanda, além do adiamento de compras. “Com isso, a indústria como um todo funcionou com estoques curtos, ocasionando um desequilíbrio entre a oferta e a demanda por embalagens no terceiro trimestre de 2020”, explica o economista da Fastmarkets RISI. “A tônica da falta de papel ditou o ritmo do mercado entre agosto e dezembro, com participantes relatando muita dificuldade em concretizar negociações para o curto prazo e pressão de alta sobre os preços.”

Vale destacar que o aumento expressivo dos preços das aparas marrons foi mais um reflexo da pandemia de coronavírus. Segundo explicação do diretor da Anguti Estatística, quando a pandemia se instalou e resultou no primeiro lockdown, o sistema de coleta seletiva foi suspenso e as cooperativas foram fechadas, fazendo com que fosse praticamente inviável coletar aparas. “Como a indústria de embalagens também parou por um curto período, neste momento inicial, o impacto da suspensão das atividades relacionadas à reciclagem não foi tão sentido. A partir das ações do governo, com a liberação do

ARQUIVO PESSOAL



Barisauskas: “Esperamos que a demanda por bens básicos continue incentivando a produção e as vendas do segmento de embalagens. Além disso, a mudança de hábitos com parte da população realizando compras em *e-commerce* também deve incentivar a demanda por embalagens”

auxílio financeiro, acompanhamos um crescimento forte da indústria de embalagens, que infelizmente não conseguiu ser acompanhado pelas matérias-primas, que continuaram com coletas prejudicadas e ofertas escassas”, relata sobre a situação vivenciada no primeiro semestre de 2020 e que se estendeu ao segundo. “Passamos a viver uma situação difícil: de um lado, a indústria querendo produzir mais, para atender a uma demanda em alta, de outro, a ausência de matéria-prima disponível”, adiciona Vilas Boas, citando que os preços das aparas registraram uma subida média de 80% ao longo do ano.

Também dando enfoque ao setor de embalagem, Funchal ressalta que o segmento de papelcartão está em constante processo de evolução. “O mercado consumidor brasileiro adotou processos de revisão de embalagens de produtos similares aos que vêm sendo adotados nas principais economias mundiais: revisão integral de embalagens, com foco no uso de produtos degradáveis e que propiciem adequado uso de engenharia reversa.”

Nesse sentido, continua Funchal, um dos principais vetores de mudança é a retirada do plástico e seus derivados das embalagens direcionadas ao consumidor final, a exemplo da retirada do filme plás-

tico que envolve a caixa de bombom. “Em razão disso, o segmento de papelcartão tem sido altamente demandado a apresentar embalagens mais resistentes e especializadas – o que é ótimo, pois demonstra que o segmento foi escolhido por outros setores industriais como diferencial positivo para as estratégias futuras de atendimento de engenharia reversa e sustentabilidade da cadeia de produção.”

Conforme apontam os dados do último Boletim Cenários IBÁ, o segmento de papelcartão cresceu 4,9% em 2020. Para efeito de comparação, em 2019, o mesmo produto registrou crescimento produtivo de 2,8%. No ano de 2020, 73% das 798 mil toneladas produzidas foram destinadas ao mercado doméstico.

Diferentes contextos envolvem setores de celulose e papel em 2021

Direcionando o olhar aos desdobramentos que devem marcar os diferentes mercados atendidos pela indústria de base florestal neste ano, o gerente de Estudos Econômicos da Pöyry ressalta que o cenário ainda nebuloso dificulta previsões sobre os próximos acontecimentos. Contudo, acredita-se em um crescimento médio de 1,5% a 2% para os papéis no

mercado doméstico, acompanhando a evolução do PIB nacional, enquanto a celulose deve ter um crescimento um pouco maior, já que está relacionada principalmente à evolução do mercado global.

Funchal cita que, diante do contexto de 2020, o Banco Central do Brasil (Bacen) projeta atualmente os próximos dois a três anos com as seguintes características: aumento do endividamento da máquina pública, já que qualquer medida de revisão da tendência de aumento de gastos só surtirá efeito prático no médio prazo; maior pressão inflacionária, o que explica a previsão de que a Selic sairá dos atuais 3% baixo para algo próximo a 6%, como forma de manter a meta de inflação dentro das faixas atuais; câmbio estabilizado na casa dos R\$ 5/US\$ 1, e retorno do crescimento do PIB brasileiro a patamares próximos a 2,5% a.a. “Importante destacar que as projeções do Bacen são tipicamente conservadoras (como todo banco central). Se olharmos as projeções dos bancos de varejo para o mesmo período, tende-se a prever um crescimento do PIB na casa dos 3% a.a., alavancado pelo bom momento do agronegócio nacional e um Real ancorado perto dos R\$ 5,50/US\$ 1. Todos concordam com aumento de pressão inflacionária sobre preços e custos e aumento do desequilíbrio das contas públicas.”

Aliado à agenda econômica, frisa Funchal, há de se considerar que faltam apenas dois anos para as próximas eleições presidenciais. “Assim, creio que 2021 e 2022 serão um período interessante em termos de agenda política, principalmente em razão das disputas de poder e da necessidade de ajuste das contas públicas”, avalia ele. “Com todas essas cartas na mesa, acredito que o setor deverá se concentrar na melhoria da saúde financeira dos negócios, independentemente das estratégias individuais de cada segmento”, sublinha.

Ao detalhar as perspectivas acerca do segmento de embalagens, o economista da Fastmarkets RISI aponta que os próximos meses tendem a ser interessantes para o mercado de embalagens de papel e papelão ondulado. “Esperamos que a demanda por bens básicos continue in-

GUILHERME BALCONI



Funchal: “O segmento de papelcartão tem sido altamente demandado a apresentar embalagens mais resistentes e especializadas – o que é ótimo, pois demonstra que foi escolhido por outros setores industriais como diferencial positivo para estratégias futuras”

centivando a produção e as vendas do segmento de embalagens. Além disso, a mudança de hábitos com parte da população realizando compras em *e-commerce* também deve incentivar a demanda por embalagens. Naturalmente, a reabertura comercial nas principais cidades deve estimular o consumo de papelão também, mas a situação segue incerta com o avanço da pandemia no País.”

Alguns fatores, no entanto, podem limitar a procura. O primeiro é o término do pagamento do auxílio emergencial no final do ano passado, com posterior redução do valor programado para este ano, que deve rebaixar o poder de consumo de muitas famílias. “Além disso, o primeiro trimestre é historicamente marcado por um aumento nos gastos das famílias com obrigações e burocracia (impostos, matrículas escolares, renovações de contratos etc.), o que tende a reduzir o montante disponível para gastos não essenciais. Por fim, o avanço da pandemia pode ocasionar novos fechamentos completos e restrições comerciais, limitando a busca por embalagens”, elenca Barisauskas. “Apesar de tantos ‘poréns’, acreditamos que o saldo final será um aumento na busca por embalagens de papelão corrugado no primeiro trimestre, mas em menor ritmo ao visto durante o *boom* de consumo no ano passado”, adiciona.

Sob a ótica da oferta, pontua Barisauskas, algumas restrições também são vistas: “os estoques na indústria continuam baixos e, apesar dos produtores terem elevado as taxas operacionais, a produção ainda não é suficiente para atender a toda a demanda do mercado, incluindo aquela represada do ano passado. Assim, os preços de papelão corrugado devem continuar em alta, dificultando a realização de novos negócios”.

A perspectiva para as exportações de embalagens e de papelão ondulado são positivas, por várias razões, a começar pela demanda aquecida no mercado externo, especialmente na Ásia, por embalagens. “Basta haver produção e preço competitivo para que se haja negociação – e o Brasil tem os dois”, constata o eco-



Vilas Boas ressalta que o incremento do sistema de vendas on-line também altera a logística da coleta de aparas, já que levam caixas de papelão e embalagens de papel direto à casa do consumidor e tornam o processo de recuperação um pouco mais difícil

nomista da Fastmarkets RISI. “O País já conta com um grande parque produtor de papelão ondulado e embalagens e deve observar novas máquinas entrando em operação ao longo de 2021, com o início das operações das novas máquinas da WestRock e da Klabin. Os *startups* certamente vão elevar a disponibilidade de produtos para o mercado externo. As duas unidades devem ter um impacto positivo na produção e nos embarques brasileiros de embalagens, e esperamos que a maior parte deste volume adicional seja direcionado ao mercado externo, elevando a participação das exportações sobre a produção brasileira”, esclarece.

Barisauskas lembra que os custos produtivos dos fabricantes brasileiros são muito competitivos quando comparados com os incorridos por produtores asiáticos ou europeus, o que coloca o Brasil em uma posição privilegiada no comércio internacional. Por fim, o atual nível da taxa de câmbio, com um real depreciado frente ao dólar, deve facilitar ainda mais as exportações. “A pandemia não é mais um fator ‘novo’ no mercado, porém a instável situação política no País e os desdobramentos quanto ao combate da pandemia podem gerar volatilidade cambial ao longo de 2021.”

Em resumo, completa a análise, tudo aponta para um possível aumento nas exportações brasileiras de embalagens e papelão ondulado. “Os riscos deste cenário estão muito mais ligados à demanda externa, que pode vir a cair caso algo inesperado, como uma nova onda epidêmica, mais contagiosa e letal, aconteça. Também é possível que a procura interna continue aquecida nos níveis observados durante 2020 e observemos um maior direcionamento da nova produção ao mercado doméstico”, adiciona Barisauskas.

A presidente da Empapel concorda sobre a expectativa positiva para o mercado de embalagem de papelão ondulado. “Desde junho de 2020, o setor registra recordes mensais e deve seguir assim em 2021. Dados da Empapel, a partir de estudo da FGV, no cenário moderado para 2021, apontam que o setor tem expectativa de emplacar uma expansão de 4,6% na comparação com 2020. É preciso ver até quando esses novos hábitos de consumo se mantêm, mas há muito de irreversível nesse processo, como o mercado de *delivery* de alimentos”, exemplifica.

Vale destacar que, em janeiro último, um novo registro de recorde mensal, com 326 mil toneladas, foi registrado pelo segmento, fazendo com que a expedição

de papelão ondulado subisse 4,9% em relação ao mesmo período em 2020.

Ainda de acordo com a contextualização de Gabriella, a evolução em 2021 deve incluir novos designs para as embalagens de papel que confirmam oportunidades de mercado não exploradas em substituição ao plástico, a exemplo do desenvolvimento de papéis com bio-barreiras e implantação de equipamentos que customizam embalagens no tamanho que atenda a necessidades específicas. “Mudanças que geram economia, menos emissão de poluentes ou uso de água e com isso um produto final alinhado com a economia circular”, resume Gabriella.

Outros mercados, que até então não usavam papel para embalagem, também foram conquistados com inovações propostas pelo setor nos últimos tempos. Comunicação visual, embalagens de papelão ondulado para bananas, embalagens sackraft para farinha de trigo, cartão substituindo plástico de cervejas e até mercados como a linha branca (refrigerador, fogão etc.), um dos carros-chefes da indústria nacional, são

exemplos de segmentos que têm recorrido ao papel pela força e pelo apelo sustentável que apresenta.

Vilas Boas comenta que, em janeiro deste ano, o setor ainda apresentou uma demanda grande por aparas, com os fabricantes repondo seus estoques. Tal aspecto fez com que os preços ainda se mantivessem altos. “A partir de março, embora não haja uma mudança significativa e suficiente para alterar esse cenário de dificuldade, começamos a ver certo enfraquecimento, considerando que a importação de aparas apareceu como uma válvula de escape da indústria de embalagem – em dezembro, chegou a 8 mil toneladas, valor expressivo para os padrões da indústria brasileira.”

Se as importações de aparas seguirem altas nos próximos meses e os reflexos da redução do auxílio financeiro disponibilizado pelo governo começarem a ser sentidos, o mercado tende a entrar em uma fase de equilíbrio a partir de abril. “Por outro lado, a volta do lockdown em alguns estados voltará a preju-

dicar muito a coleta. Portanto, temos de aguardar os próximos desdobramentos para definir qualquer situação”, pondera Vilas Boas.

O diretor da Anguti Estatística ressalta que o incremento do sistema de vendas on-line, que se intensificou na pandemia e deve se manter como hábito de consumo dos brasileiros, também altera a logística da coleta de aparas, já que levam caixas de papelão e embalagens de papel direto à casa do consumidor e tornam o processo de recuperação um pouco mais difícil, tornando-se dependente de coleta seletiva e de todas as etapas envolvidas nela.

O segmento tissue, por sua vez, deve retornar à situação de normalização da demanda em 2021 – o que manteria um crescimento médio de 3%. Um possível problema no horizonte do tissue é a tendência de aumento do preço da celulose, alerta Vilas Boas. “Se, com este aumento, as fábricas que estão usando celulose recorrerem às aparas brancas, o mercado de matérias-primas tende a



DIVULGAÇÃO SUZANO

O segmento tissue deve retornar à situação de normalização da demanda em 2021 – o que manteria um crescimento médio de 3%

ficar mais acirrado, considerando que este tipo de apara está escassa, devido à queda do segmento de imprimir e escrever”, detalha o entrave.

Independentemente dos reflexos mais imediatos relacionados às matérias-primas, as tendências de crescimento do consumo per capita e de produtos de melhor qualidade, com os papéis folha dupla substituindo os folha simples, continuam presentes no segmento tissue no curto prazo.

Direcionando à análise ao segmento de imprimir e escrever, o cenário previsto para 2021 não se diferencia muito daquele vivido no ano passado, mas talvez apresente novo recuo. “Esses papéis devem permanecer em um patamar mais estagnado ou ligeiramente inferior aos recém-apresentados”, pontua o gerente de Estudos Econômicos da Pöyry.

Funchal pondera que não se espera o desaparecimento do consumo deste tipo de papel, mas sim uma continuidade gradual da redução do seu uso. “Os fabricantes desse segmento que atuam no Brasil já possuem a estratégia de diversificação de portfólio, ou seja, incluem uma ampla gama de produtos no seu mix de produção, o que lhes garante competitividade e sinergias em outros segmentos, como papelcartão, embalagens, papéis revestidos, celulose de mercado entre outros”, pondera o consultor. “Dessa forma, essas indústrias já estão bem posicionadas em seus respectivos mercados, não havendo nenhum indício de ruptura abrupta das configurações atuais”, complementa Funchal.

Com base nos últimos desdobramentos que envolveram o segmento de celulose, a projeção do Bradesco BBI é de um déficit maior do que 1 milhão de toneladas no mercado em 2021, o que deve refletir em um aumento de preços. “Esperamos que os preços da celulose de fibra curta na China superem US\$ 750/t nos próximos meses, enquanto fibra longa pode atingir US\$ 1000/t”, informa Lofiego.

De acordo com detalhamento de Marcio Farid, analista de Materiais Básicos para a América Latina do J. P. Morgan,



De acordo com detalhamento de Farid, os preços da celulose dispararam de 50% a 60% em um período de quatro meses, refletindo a recuperação de ciclo mais rápida já registrada

os preços da celulose dispararam de 50% a 60% em um período de quatro meses, refletindo a recuperação de ciclo mais rápida já registrada. Diante deste contexto, surgem perguntas típicas do ciclo de alta: quanto tempo pode durar tal ciclo? Qual é o limite superior dos preços? “Entendemos que não é muito cedo para começar a pensar sobre essas questões, pois os preços da celulose já estão muito acima do nível de custo marginal”, responde Farid, adicionando que os preços do papel são um dado importante a ser rastreado quando se trata de sustentabilidade de preços da celulose. “É fundamental rastrear as margens dos produtores na China como um fator de suporte importante para os preços da celulose. Desde que eles possam repassar os preços mais altos para seus clientes, os preços da celulose podem ser sustentados”, esclarece. “Também é preciso ficar de olho nos preços do papel em outras regiões, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, onde anúncios de aumento de preços já foram feitos para lenços de papel e papel gráfico”, frisa Farid.

Lofiego avalia que os *players* nacionais do segmento de celulose devem se beneficiar ao máximo com o ciclo de alta da celulose em 2021, enquanto as tendên-

cias operacionais continuam positivas, com a utilização da capacidade de volta aos níveis normais. As perspectivas positivas podem, inclusive, resultar em novos anúncios de expansão de capacidade.

Transformação verde intensifica tendências de médio e longo prazos

Mais do que falar sobre os resultados registrados em 2020 e as perspectivas que vêm se apresentando neste ano, o diretor executivo da IBÁ ressalta que é importante dar enfoque às tendências aceleradas pela pandemia. O avanço da consciência ambiental é uma delas. “Antes do coronavírus, já acompanhávamos manifestações ao redor do mundo, muitas delas de jovens, pedindo por mais cuidado com o clima, pelo futuro do planeta. Após a Covid-19 se espalhar pelo mundo e ceifar milhares de vidas, isto tornou-se uma agenda central”, opina. “Angela Merkel já falava em Retomada Verde no ano passado, Biden se elegeu sustentando uma plataforma a favor da mitigação das mudanças do clima e a China anunciou meta de descarbonização até 2060”, ele faz o embasamento, citando alguns sinais evidentes de que o mundo está passando por uma transformação verde.



Os players nacionais do segmento de celulose devem se beneficiar ao máximo com o ciclo de alta da celulose em 2021, enquanto as tendências operacionais continuam positivas, com a utilização da capacidade de volta aos níveis normais

Nesse cenário, pontua Fonseca Jr., é possível afirmar que o Brasil destaca-se como um país de protagonismo nato: possui a maior florestal tropical do mundo, maior biodiversidade, diferentes climas e solos. “Precisamos combater as ilegalidades, especialmente na região amazônica, como desmatamento, queimadas, grilagem de terras, entre outros. Para mudar a imagem ambiental que o mundo tem hoje do nosso País, precisamos de metas claras e resultados concretos”, pondera, reforçando que, com atitudes e impulsionando *cases* de bioeconomia, como os reunidos pelo setor de base florestal, retomaremos o lugar de protagonismo no debate ambiental.

De acordo com a contextualização do diretor executivo da IBÁ, o setor de base florestal trabalha dentro do conceito da bioeconomia há anos, cuidando do meio ambiente desde a origem dos produtos, por meio de uma matéria-prima renovável; realizando manejo sustentável nas florestas e investindo na melhoria de processos nas unidades fabris, resultando em produtos ambientalmente adequados. “Conservar e produzir já é uma realidade. Ao mesmo tempo em que plantas para fins comerciais – atualmente são 9 milhões de hectares de árvores cultiva-

das – mantêm 5,9 milhões de hectares de áreas para conservação entre Áreas de Preservação Permanente (APPs), Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) e Áreas de Alto Valor de Conservação (AAC) e Reserva Legal (RL). Ambas possuem 4,48 bilhões de CO₂eq, auxiliando no combate às mudanças climáticas”, atualiza os dados.

Além das práticas alinhadas com a sustentabilidade, o setor busca tornar produtos do nosso dia a dia mais verdes. “A celulose solúvel é um exemplo concreto: uma alternativa para matéria-prima de origem fóssil em diversos produtos de indústrias como têxtil, farmacêutica, alimentícia, automobilística, entre outras”, cita Fonseca Jr., sublinhando que, atualmente, o principal produto advindo dessa matéria-prima é a viscosa. “A indústria de base florestal não teve medo de arriscar e entrar em um mercado dominado pelo algodão e material sintético. Resultado: de 2000 até 2018, a viscosa saltou de 4,8% (2,7 milhões de toneladas) para 6,5% (6,9 milhões de toneladas) de participação no *market share* global, com previsão de chegar a 7% (8,5 milhões de toneladas) até 2023, segundo a *The Fiber Year*.”


Ainda falando sobre o potencial do se-

tor no contexto da bioeconomia, Fonseca Jr. menciona que o Brasil, mais especificamente o estado do Pará, sediará a quarta edição do Fórum Mundial de Bioeconomia, maior evento global sobre o tema, em outubro próximo. “Pela primeira vez no País, o fórum reunirá palestrantes e especialistas globais, ressaltando a importância de Belém e da região amazônica em um debate essencial sobre o desenvolvimento sustentável. A IBÁ, junto com Abag e o governo do estado do Pará, trabalhou em sinergia para trazer este evento ao País.”

O gerente de Estudos Econômicos da Pöyry ressalta que 2020 foi um divisor de águas para o fortalecimento da bioeconomia. “Cada vez mais a questão da substituição de plásticos por papel aparece nas estratégias dos grandes *brand owners* internacionais e o setor papelero vem buscando novas tecnologias, visando atender a essa necessidade de substituição. Diferentes nichos, principalmente na área de alimentos, vêm retomando o consumo de papel para embalagens. A nano e a microcelulose aparecem como alternativas futuras para substituição de resinas plásticas e outras barreiras”, comenta. “A utilização, cada vez maior, de fibra virgem no lugar de aparas e o avanço na produção de energia pelas fábricas de celulose são outras tendências para o setor”, completa.

A expectativa é que a demanda por produtos do setor de árvores cultivadas continue em alta. De olho neste crescimento de mercado e até dos novos produtos que estão por vir, a indústria de base florestal tem se organizado para poder atender aos consumidores. “Hoje, estão em andamento ou anunciados investimentos de R\$ 35,5 bilhões previstos até 2023, destinados para florestas, novas fábricas, expansões, tecnologia e ciência. Esse investimento é praticamente o dobro do registrado nos quatro anos anteriores, entre 2016 e 2019, quando foram realizados investimentos de R\$ 18 bilhões para a construção de diversas novas unidades”, informa Fonseca Jr.

Entre os investimentos anunciados, estão a expansão de fábrica de embalagem



O setor de base florestal trabalha dentro do conceito da bioeconomia há anos, cuidando do meio ambiente desde a origem dos produtos, por meio de uma matéria-prima renovável; realizando manejo sustentável nas florestas e investindo na melhoria de processos nas unidades fabris, resultando em produtos ambientalmente adequados

de papel da WestRock, em Três Barras-SC; a continuação do Projeto Puma, da Klabin, com o Puma II, em Ortigueira-PR; o desenvolvimento do Projeto Star, da Bracell, em Lençóis Paulista-SP, que tornará a fábrica híbrida, podendo produzir celulose comum e celulose solúvel, e a *joint venture* entre a Duratex e a Lenzing, no Triângulo Mineiro, que contempla uma nova unidade de produção de celulose solúvel, a LD Celulose. “São projetos que mostram um olhar para o futuro e a capilaridade do setor, com a distribuição em diferentes estados”, constata o diretor executivo da IBÁ.

Dos investimentos anunciados e em andamento no Brasil durante 2020, a International Finance Corporation (IFC), membro do Grupo Banco Mundial, participa de dois projetos: o Puma II, da Klabin, e o Amadeus, da LD Celulose, *joint venture* entre a Duratex e a Lenzing. “Foram duas transações emblemáticas, que estão bem alinhadas com a nossa missão como instituição, pois têm forte efeito de demonstração, inovação de ponta e recursos climáticos inteligentes em larga escala”, afirma Carla Ricchetti, Senior Investment Officer para Papel, Celulose e Florestas da IFC na América Latina.

Ela revela que a IFC trabalha em estreita colaboração com outros bancos de desenvolvimento e bancos comerciais para garantir o financiamento de grandes projetos. “Também investimos em projetos de pequeno e médio porte com impacto de desenvolvimento, mitigação do clima e vantagem competitiva relevantes. Adicionalmente, *players* experientes e histórico no setor são requisitos importantes para investimentos bem-sucedidos nessa indústria.”

O atual portfólio global da IFC em silvicultura, celulose e papel é de US\$ 1,5 bilhão em 27 projetos, distribuídos em 14 países. A América Latina e o Caribe representam 42% do portfólio, mostrando a importância da região e, principalmente do Brasil, no setor.

A estratégia da IFC para o Brasil, cobrindo os exercícios fiscais de 2020 a 2023, inclui um foco específico em con-



DIVULGAÇÃO IFC

“O setor tem alto potencial, pois os principais impulsionadores estão ligados ao crescimento da população/PIB e à mitigação das mudanças climáticas. Nossa estratégia para os próximos anos é apoiar continuamente oportunidades com bases sólidas no setor”, reforça Carla

tabilizar o crescimento econômico e os desafios de sustentabilidade por meio da promoção e do uso mais amplo de altos padrões ambientais e sociais, nos setores de silvicultura, celulose e papel. “Investimos em empresas que são produtoras de baixo custo, comprometidas com a sustentabilidade e forte governança, além de projetos de investimento que têm mitigado as mudanças climáticas por meio do aumento da eficiência energética, energia renovável, otimização do gerenciamento de águas residuais e redução das emissões de Gases do Efeito Estufa por unidade de produto. Também apoiamos projetos que aumentam a renda de agricultores rurais, proporcionando-lhes oportunidades estáveis de vender sua produção e melhorar seus padrões ambientais e sociais”, detalha Carla.

A oferta da IFC inclui investimentos em plantações, operações integradas e processamento posterior (papel, reciclagem, MDF/MDP etc.); produtos financeiros que incluem dívida, capital, financiamentos do tipo *quasi equity* e obtenção de financiamentos adicionais de outros bancos comerciais; termos flexíveis sob medida (prazo, período de carência e moeda); serviços de assessoria para complementar o financiamento, e financiamento concessional e combinado para complementar o fi-

nanciamento da IFC, quando necessário, para balancear o perfil do risco.

Sobre os reflexos da atual conjuntura econômica aos investimentos previstos, Carla salienta que os times de investimento da IFC estão mais cuidadosos ao analisar termos de investimentos durante a crise da Covid-19. “Gostaríamos de ter certeza de que esses termos fazem sentido em vários cenários de estresse. Mas é fundamental apoiar as empresas com histórico e competitividade de custos durante este período”, pondera.

Segundo Carla, é importante para os bancos de desenvolvimento, como a IFC, financiar projetos com prazos mais longos do que outros disponíveis no mercado local. “Isto é uma adição de valor fundamental que possibilitamos aos nossos clientes. Prazos mais longos melhoram a estrutura do financiamento, atraindo mais bancos comerciais”, justifica, lembrando que a IFC vê o setor de silvicultura, celulose e papel de maneira muito estratégica do ponto de vista do impacto econômico e da sustentabilidade. “O setor tem alto potencial, pois os principais impulsionadores estão ligados ao crescimento da população/PIB e à mitigação das mudanças climáticas. Nossa estratégia para os próximos anos é apoiar continuamente oportunidades com bases sólidas no setor”, reforça. ■